

## **Cartas do front**

Andrew Carroll  
(org.)

# Cartas do front

*Relatos emocionantes da vida na guerra*

Tradução:  
SÉRGIO LOPES

Apresentação à edição brasileira, seleção,  
notas e capítulo sobre a FEB:

ARTHUR ITUASSU  
*Professor de relações internacionais na PUC-Rio*

***Inclui 40 ilustrações***



**ZAHAR**

Jorge Zahar Editor  
Rio de Janeiro

*A Peter Leheny (14 de fevereiro de 1970 a 4 de julho de 2002)*

Título original:

*Behind the Lines*

*(Powerful and Revealing American and Foreign War Letters –  
and One Man's Search to Find Them)*

Tradução autorizada da primeira edição norte-americana,  
publicada em 2005 por Scribner,  
de Nova York, EUA

Copyright © 2005, Andrew Carroll

*The moral rights of the author have been asserted*

Copyright do capítulo 6, "Cartas do front brasileiro" © 2007,  
Jorge Zahar Editor Ltda.

Copyright da edição brasileira © 2007:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua México 31 sobreloja

20031-144 Rio de Janeiro, RJ

tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800

e-mail: [jze@zahar.com.br](mailto:jze@zahar.com.br)

site: [www.zahar.com.br](http://www.zahar.com.br)

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Agradecimentos, permissões e fontes nas p.417 e 439

Composição: Printmark Marketing Editorial

Capa: Mirian Lerner

Ilustração da capa: © Bettman/Corbis/Latinstock

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

---

C314 Cartas do front: relatos emocionantes da vida na guerra / Andrew Carroll, org; tradução,  
Sérgio Lopes; apresentação à edição brasileira, seleção, notas e capítulo sobre a FEB,  
Arthur Ituassu. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

il.

Tradução de: *Behind the lines: powerful and revealing American and foreign war  
letters – and one man's search to find them*

ISBN 978-85-378-0030-0

1. Soldados – Estados Unidos – Correspondência. 2. Estados Unidos – História  
militar – Pesquisas. 3. Estados Unidos – Forças armadas – Vida militar – História –  
Pesquisas. 4. Brasil. Força Expedicionária Brasileira. I. Carroll, Andrew, 1969-. II.  
Ituassu, Arthur.

# SUMÁRIO

Sobre o testemunho do tempo, 7

Introdução, 11

**1. ETERNAMENTE TEU, ETERNAMENTE TUA**

*Cartas de amor, família e amizade, 33*

**2. NA LINHA DE FRENTE**

*Cartas de combate, 105*

**3. RISOS E LÁGRIMAS**

*Cartas incomuns e bem-humoradas, 187*

**4. EM MEIO AO FOGO CRUZADO**

*Cartas de e sobre civis, 209*

**5. SEQÜELAS**

*Cartas do pós-guerra, 321*

**6. CARTAS DO FRONT BRASILEIRO**

*Correspondências trocadas com os pracinhas da FEB, 383*

Nota do organizador, 413

Agradecimentos, permissões e fontes, 417

Agradecimentos do capítulo sobre a FEB, 439

## 6. CARTAS DO FRONT BRASILEIRO

∴ *Correspondências trocadas com os pracinhas da FEB* ∴

Às 14h22 de 16 de setembro de 1944, a artilharia da Força Expedicionária Brasileira (FEB) abriu fogo pela primeira vez na Segunda Guerra Mundial. O destacamento liderado pelo general Zenóbio da Costa, que obedecia ao comando geral do marechal Mascarenhas de Moraes, havia substituído na noite anterior as tropas norte-americanas posicionadas na linha de frente em Vada-Ostedalettoe, no Norte da Itália. Zenóbio da Costa tinha recebido ordens de avançar em direção a Massarosa, onde os brasileiros foram recebidos como heróis — a cidade foi libertada pelo 1º e 2º batalhões do 6º Regimento de Infantaria da FEB.

Naquele momento, a Segunda Guerra Mundial começava de fato para o Brasil. A campanha duraria até a rendição alemã, em 8 de maio de 1945, e ocuparia 25.445 brasileiros, afastados de suas famílias, amores e amigos. Nesse período, a FEB venceu oito batalhas — a principal e mais famosa: a de Monte Castelo — e capturou 14.779 soldados inimigos, 80 canhões, 1.500 viaturas e 4 mil cavalos. No caminho, 456 brasileiros morreram em combate e outros 2.722 foram feridos.

Na verdade, para muitas famílias, a guerra começou um pouco antes, no momento em que filhos, maridos e amigos embarcaram rumo ao conflito. O primeiro contingente da FEB partiu do Rio de Janeiro com 5.379 homens no domingo, 2 de julho de 1944, com destino a Nápoles. O transporte das tropas foi feito pelo USS *General Mann*, escoltado pelos destróieres brasileiros *Marclio Dias*, *Mariz e Barros* e *Greenhalgh*. Quase três meses depois, mais 11 mil homens (2º e 3º escalões da FEB) partiram do Brasil na sexta-feira, 22 de setembro do mesmo ano.

Outros dois escalões, o 4º e o 5º, foram enviados à Itália em 23 de novembro de 1944 (4.976 homens) e 8 de fevereiro de 1945 (5.128 homens),



| O jovem soldado Walter da Costa Soares. |

respectivamente. Nesse meio tempo, o 1º Grupo de Aviação de Caça brasileiro, comandado pelo major-aviador Nero Moura, chegou à Itália em 6 de outubro de 1944, depois de um longo período de treinamento com pilotos norte-americanos no Panamá e nos Estados Unidos. A primeira missão foi em 31 de outubro do mesmo ano, quando o capitão Pamplona voou como ala de uma esquadrilha norte-americana. Durante todo esse tempo, milhares de famílias brasileiras rezavam pelos seus e lhes escreviam cartas.

Walter da Costa Soares, por exemplo, foi convocado no dia em que completava 22 anos, em 13 de junho de 1944. Ele trabalhava como aprendiz de ferramenteiro em uma estamparia na rua Uruguaiana, no Rio de Janeiro, e havia se alistado no Exército como atirador três anos antes. Walter se apresentou na 1ª Região Militar para exames médicos e, depois disso, foi designado para o 9º Batalhão de Engenharia de Combate, em Três Rios. Um mês depois, foi transferido para a Vila Militar, no Rio de Janeiro, onde iniciou os treinamentos para a guerra. Em seu livro de memórias, Walter conta como a notícia de que iria lutar na Europa foi recebida.

Quando a família tomou conhecimento do fato, tio Neném, irmão de mamãe, veio me propor a possibilidade de desertar, indo para Bela Joana, no Vale do Rio Doce, no Espírito Santo, onde já morava um irmão dele. Para isso, me emprestaria cinco contos de réis, para que eu comprasse um pedaço de terra e assim pudesse viver clandestinamente até que a guerra acabasse. Após conversar com mamãe, achei que a melhor atitude a ser tomada era ficar e encarar a situação.\*

E foi assim que Walter Soares deixou a Vila Militar, de trem, em 22 de setembro de 1944, em direção ao cais do porto, onde embarcou rumo à Segunda Guerra Mundial com o 2º e 3º escalões da FEB. Na época, a sua despedida deve ter sido uma cena comum a muitos a seu redor, mas nem por isso foi menos marcante.

Quando o trem passava, atravessando a rua Rego Barros, rua em que morávamos, olhei pela janela e vi minha mãe, minha irmã Iolanda e tia Marcília, que procuravam me localizar naquele monte de vagões. Apesar de proibido, abri a janela e assim nos despedimos, elas chorando, e eu também.\*\*

Nove dias depois, Walter chegou a Nápoles, de onde foi para Livorno. Em 4 de janeiro de 1945, sua mãe Joventina, preocupada, lhe escreveu à procura de notícias:

Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1945

Meu querido filho,

Ansiosamente espero notícias tuas muito em breve, meu filho, para minha tranqüilidade, pois há muito não as tenho. Com muita fé em Deus, meu querido Walter, espero que tudo isso termine o mais depressa possível e que venhas de novo para o nosso modesto lar, pois a tua falta é imensa. Cumpra o teu dever de patriota e voltas para os braços de tua mãe que sempre e a todo momento implora a Deus S. Jorge para que isso se realize o mais depressa possível. ... Meu filho, tenha coragem e fé em Deus que

---

\* Soares, W. da C. *Minhas lembranças*, Rio de Janeiro, Espaço do Saber, 2004, p.8.

\*\* Idem.



| Walter da Costa Soares em foto recente com a sua família. |

vencerás. ... Aqui todos com saúde, só muitas saudades, mas também muita esperança de tua volta breve. Adeus, meu filho. Deus guie os teus passos. Em nome de Deus e Maria Santíssima, eu te abençoô, tua mãe, Joventina

Da irmã Iolanda, Walter recebeu um carta no mês seguinte à sua partida:

Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1944

Meu irmão,

Há mais de um mês que deixastes o teu lar e a tua terra para, daí desta velha Europa, defender com tuas forças e habilidades a nossa amada terra, que é o nosso querido Brasil. É daqui de bem longe que imploramos a Deus, com toda a fé e esperança, para proteger-te e a todos os soldados brasileiros de todos os perigos, e para dar por terminada esta guerra, o mais breve possível, para voltares ao convívio de teu lar; para cantarmos com ardor, todos nós reunidos, os louvores de glória a Deus, pela paz e por um mundo melhor. ... Estamos ansiosos à espera de notícias tuas, apesar de termos boas notícias pelos jornais. ... Todas as vezes que escreveres, dize

o que mais precisas. Aceita a benção da mamãe e beijos dos irmãos, e lembranças dos amigos e parentes, que também oram pela tua felicidade. Meu irmão, tem bastante cautela, paciência, resignação e fé em Deus, para que essa etapa de sofrimento passe tão rapidamente, para que não sintas o terror desta guerra infame. E aqui, cheia de saudades e orgulhosa (por ter um irmão corajoso, forte e cumpridor de seus deveres, que, combatendo nas longínquas terras da Europa, nos defende daquelas garras desumanas!), envio-te um beijo, a tua irmã que muito pede a Deus por ti,

Iolanda Soares

Felizmente, dona Joventina e Iolanda não receberam notícias de todo ruins. Walter passou as suas. Conta que uma vez o grupo em que estava foi atacado por um caça alemão. Em outro momento, saiu de uma fila que seria atingida por uma bomba logo em seguida. Mas dona Joventina e Iolanda só ficaram sabendo dessas e outras quando o filho e irmão tornou a casa. Walter se casou em 1947 com Sebastiana e atualmente mora em Niterói.



Dona Maria Emília Marques Moura, mãe de Nero e Danilo Moura — comandante e tenente do 1º Grupo de Aviação de Caça brasileiro —, viveu momentos mais apreensivos que dona Joventina, mãe de Walter. Em 4 de fevereiro de 1945, o comandante Nero escreveu a seguinte carta a dona Maria Emília:

Itália, 4 de fevereiro de 1945

Querida mãe,

O Danilo hoje não teve muita sorte. Quando estava atacando um caminhão na estrada, teve o seu avião avariado pelas metralhadoras dos alemães e foi obrigado a saltar de pára-quedas, em território inimigo. Ele estava voando junto com o capitão Joel, que também saltou de pára-quedas. De modo que os dois devem estar juntos e tratando de escapar dos boches.

Às vezes, os pilotos que saltam de pára-quedas do lado de lá conseguem evitar os alemães e chegam aqui após dois ou três meses de viagem.

Mas o lugar em que eles caíram é cheio de alemães e provavelmente estão prisioneiros.

Todos os companheiros que estavam juntos com eles viram-nos pularem bem e os pára-quadras abrirem. De modo que não há dúvida alguma de que estão vivos.

Às vezes, o rádio alemão noticia o aprisionamento de pilotos e outras não. De modo que aguardo qualquer notícia vinda de lá, como a que houve há poucos dias de outros dois nossos.

Se o rádio alemão nada disser, há duas hipóteses: ou eles não querem dar a notícia para nos deixar na dúvida, como fazem quase sempre com os americanos, ou então eles não foram aprisionados, estão sendo auxiliados por italianos antifascistas e escondidos aguardando uma oportunidade para regressarem com segurança.



Nero Moura, o comandante do 1º Grupo de Aviação de Caça brasileiro.



Danilo Moura, tenente-aviador do 1º Grupo de Aviação de Caça brasileiro e irmão de Nero Moura.

Aliás, este é o mais comum dos casos. A maioria dos pilotos que saltam de pára-quedas consegue vir para o lado de cá.

Se eles foram feitos prisioneiros, somente quando a guerra acabar é que os teremos de volta. Aliás, isso não levará muito tempo. Os gringos já andam muito ruins e não vão agüentar mais de dois meses.

Por tudo isso que acabo de dizer, acho que vocês não devem se afobar muito e não lamentar a sorte dele. Está com vida, não está ferido e só vai passar um pouco mal por uns tempos. Mas é até bom porque vai conhecer a Alemanha antes de nós.

Qualquer notícia que eu receber, mandarei em seguida.

Não precisa tomar providência alguma por intermédio da Cruz Vermelha Internacional, porque não é necessário e demorará muito.

Talvez ele mande notícias por ela. Quanto a agasalhos para o frio, ele estava bem protegido, porque somos obrigados a voar com eles, justamente para esses casos. Ele levava botas de couro, calça e casaco de peles.

Talvez estranhem que o Ministério não lhes tenha avisado que ele ficou do lado de lá, mas justamente não se dá publicidade em tais casos porque, se ele não foi aprisionado, há probabilidades de conseguir fugir com a ajuda dos italianos, e qualquer publicidade em tais casos poderá cair nos ouvidos dos alemães, que podem assim tomar providências severas. De modo que é bom não falar no assunto com pessoas de fora da família, guardem o máximo sigilo.

Também não precisam procurar notícias no Ministério, porque se eles tiverem algo a comunicar, o farão imediatamente.

Talvez quando esta aí chegar, vocês já tenham ouvido algo pelo rádio alemão ou então muitos boatos exagerados ou cretinos.

Só peço que esperem confirmação da minha parte ou então comunicação oficial do Ministério. Não acreditem em mais ninguém. Tudo será palpíte.

Estou juntando todas as coisas dele aqui e levarei comigo ou mandarei para minha casa, se houver portador.

O tio Mário poderá cuidar no rádio alemão se eles noticiam algo. Tenhamos confiança em Deus e aguardemos melhores novas.

Do seu filho,

Nero

Alzira, irmã de Nero e Danilo, e seu marido, Ruben Soares, escreveram no dia 26 do mesmo mês a Isolina, noiva do segundo, contando-lhe a notícia.

26 de fevereiro de 1945

Isolina,

Esperava responder a tua encantadora cartinha de janeiro logo que cheguei de Buenos Aires. Mas, em vez de notícias amáveis, transmitirei uma coisa horrível, embora não seja a pior e façamos votos de que nunca seja. No sábado, recebemos um telegrama do Ministério da Aeronáutica com a comunicação seguinte: “Dia 4 de fevereiro, dois aviões deixaram de regressar à base devido à artilharia antiaérea, sendo que um foi visto descer em território inimigo, parecendo em boas condições, tenente Danilo Moura era piloto de um dos aviões.” Pediu-se mais informações ao

Ministério, que informou não haver novas e que a situação do Danilo é de desaparecido. Temos esperanças de que esteja nas mãos dos alemães. Controle a hora de Berlim, que dá o nome dos prisioneiros.

Reze, faça promessas e ponha os conhecidos a rezar. Contamos com sorte e milagre. Pode ser que esteja escondido na casa de algum camponês, que tenha conseguido escapar de cair nas mãos dos alemães, afinal que esteja vivo de qualquer forma. Falamos com Odette\* que sabe a mesma coisa e informou que se entendeu com a Cruz Vermelha Brasileira. Estamos esperando carta do Nero. Ele só mandou transmitir a notícia; ... passados os dias, não há nada que tenha mudado para melhor ou pior.

Qualquer coisa te avisarei. Jesus eu possa escrever melhor depois. Por hoje, não posso te consolar.

Estamos às ordens se quiseres vir. Abraços nossos;  
Alzira e Ruben

Se não escrevi logo é porque esperava não precisar te dar tão má notícia, tão desconsolável para nós...

Em 6 de março de 1945, Isolina escreveu a Danilo, ciente de que a carta não alcançaria o seu destino.

Cachoeira, 6 de março de 1945

Danilo, meu noivinho adorado!

Esta é a primeira carta que te escrevo depois da terrível notícia de seu desaparecimento, que só recebi no dia 27 do mês passado, enquanto ainda estava lá na fazenda.

Foi e é terrível, meu amor; e desde aquele dia não tive mais um só instante de sossego e paz, como sei que não terei enquanto não estiveres de volta são e salvo.

Apesar do tremendo choque que senti, nem por um momento me abandonou a certeza de que voltarás um dia como foste.

Esta carta que te escrevo e as que escreverei daqui por diante sei que não as receberás, nem tampouco as enviarei assim inutilmente. Contudo,

---

\* Outra irmã de Nero e Danilo Moura.

meu amor, não posso deixar de escrevê-las, porque sinto uma necessidade fremente de falar contigo, de qualquer forma. Serão intituladas, junto com duas anteriores, como: “As cartas que não mandei.”

Faço isso, meu querido, porque preciso desabafar de algum modo essa angústia terrível que me acompanha e está minando o meu coração cheio de amor por ti.

Se eu antes já te queria muitíssimo, agora te quero mais, cem milhões mais.

A quem, senão a ti, meu negrinho acuado, poderei dizer o que sinto?

Só mesmo a ti, amor de minha vida, posso dizer que sofro. Aos outros eu não posso dizer nada, nem tampouco desejo fazê-lo. Prefiro mil vezes manter uma atitude calma e serena.

A ti, sim, posso dizer que te amo quase com loucura, que me fazes falta a cada fibra do meu ser, que me sinto revoltada com o que te aconteceu, embora procure sempre me conformar.

Eu sempre imaginei que essas coisas tão tristes só acontecessem em romances ou filmes. Não pensei que pudessem ser reais e, menos ainda, que fosse possível acontecer a nós.

Eu gostaria de poder rezar, mas não tenho conseguido fazê-lo bem. Seria muito mais eficiente que estivesse, agora, orando, em vez de escrevendo. Mas não posso fazê-lo. Tu me perdoas? E Deus me perdoará? Com certeza, pois confio sempre na Sua misericórdia.

Bem, meu doce amor, que tenhas força e estejas bem.

O meu beijo de sempre e boa noite,

Isolina

As preocupações de dona Maria Emília e Isolina chegariam ao fim no início de março de 1945, quando Danilo retornou à base. Magro e ferido, ele conseguira a ajuda de italianos antifascistas e caminhara por dias atrás das linhas inimigas. A sua chegada ao acampamento brasileiro ocorreu em 4 de março de 1945, no mesmo dia da inauguração da Real Ópera de Roma, no teatro Thunderbolt, em Pisa. Aproveitando a veia artística dos companheiros, o tenente Perdigão propôs então que se fizesse uma ópera em homenagem à aventura

do companheiro. A composição foi apresentada pela primeira vez no Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 21 de abril de 2007, quando se comemorou o 62º aniversário do Dia da Aviação de Caça no Brasil.

**Danilo:**

– O meu amigo,  
Sei que tu vais me ajudar,  
E é por isso que contigo  
Adesso voglio parlar  
So'uno aviatore  
Que se ha paracaduto,  
Necessito uno favore  
Adesso, questo minuto

**Partisan (falando):**

– Cosa vogle

**Danilo:**

– Io voglio cruzar o Pò

**Coro:**

– Pó, pó, pó piriri, piriró

**Partisan:**

– Senza cartêra tu non pó

**Danilo:**

– Pó, pó, pó, pó, pó  
Voi siete partisano

**Coro:**

– Será vero? Da vero será?

...

**Partisan:**

– Questo io non posso fare

**Danilo:**

– *Pó, pó, pó, pó, pó*

(Trecho da ópera feita em homenagem a Danilo Moura.)

Em 10 de março de 1945, Danilo escreve a Isolina e, oito dias depois, à irmã Odette. Conta às duas como todos o davam como morto depois de 26 dias desaparecido. Danilo e Isolina se casariam em 20 de outubro do mesmo ano.